CMPJ.2.2.169

POETAS

Para alguns, a poesia é uma atividade em extinção, para outros, apenas falta estímulo das editoras e dos leitores. Mas o fato é que no próximo domingo será o Dia do Poeta.

Para Bacon — inspirado nas teorias de Platão e Arsitóteles — a poesia só podia ser olhada como uma questão de palavras, isto é, de forma. Wordsworth dizia que a poesia é uma atitude de espírito para com fenômenos da vida e Mathew Arnold preferia dizer que ela é uma crítica de vida, contrariando Hegel em sua teoria de que a primeira e única condição absolutamente exigida pela poesia era o metro — em seu sentido mais abrangente que o da simples contagem de sílabas.

Independente das posições que se sucederam, antagônicamente pelo tempo, a realidade de hoje dentro do nosso contexto brasileiro — que tem 435 livrarias para 120 milhões de pessoas — é o esquecimento a que ela vem sendo relegada, pouco a pouco.

Nas escolas quase nunca consta dos currículos, numa conseqüência lógica da implantação do ensino profissionalizante; as editoras evitam ao máximo investir por esse caminho de retorno duvidoso; as livrarias conseguem vender apenas quatro ou cinco autores "consagrados" e até o "Dia do Poeta" dia 14 de março, próximo domingo, também aniversário de Castro Alves (1847) — não consta dos calendários cívicos ou de datas comemorativas. É uma data esquecida.

Esse desprestígio, entretanto, não denota uma falta de renovação ou mesmo de qualidade de nossos poetas. A poesia brasileira não se estagnou em Castro Alves e Olavo Bilac. A eles muitos se seguiram e apenas em termos atuais, o espaço é preenchido por Drummond, Vinícius de Moraes, João Cabral de Mello Neto, Fernando Pessoa, Guilherme de Almeida, Ferreira Gulart, Régis de Morais, Heládio Brito... que dia-a-dia passam pelas agruras de casualmente terem nascido poetas.

FALTA DE DIVULGAÇÃO

A poesia é muito mal trabalhada. A opinião é do poeta Régis de Morais. Para ele existe um certo mito em torno da insensibilidade do público para com esta forma de literatura e até cita um exemplo para mostrar que um livro bem divulgado consegue vender bem.

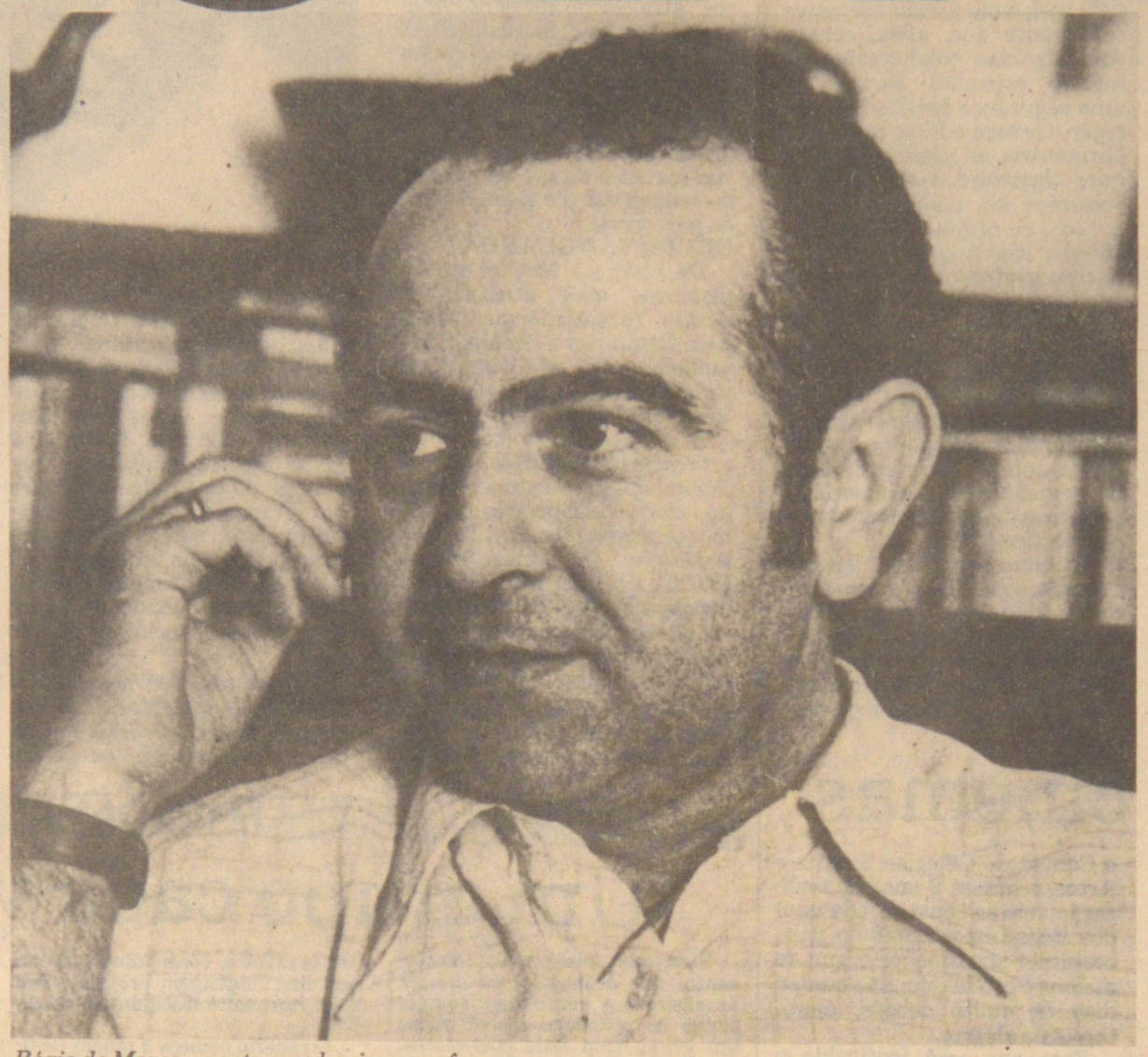
— Quando Adélia Prado editou seu primeiro livro, "Bagagem", sua editora realizou um excelente trabalho de marketing. Resultado: vendeu três edições e hoje tudo que faz esgota em pouco tempo. Um exemplo mais próximo é o meu livreto "Oito Poemas para um Visionário", dedicado a Ernesto Cardenal. O Instituto de Filisofia da Pucc patrocinou a publicação mais na base da cortesia. Mas eu o trabalhei bem. Com muita divulgação em jornais e na televisão, em apenas uma semana o livro já estava dando lucro.

O problema, segundo ele, é que não se vê uma editora investir na poesia como Francisco Alves investiu na "Guerra do Fim do Mundo" de Vargas Llosa. "Existe um descritério danado para se editar poesias. As exigências são tantas que acabam desestimulando os autores".

A explicação para a ausência da poesia nas escolas, para o poeta e professor Régis de Morais é simples. "Antes de 64 se consumia muita poesia nas escolas, mas com o ensino profissionalizante houve uma retração do ensino humanístico e conseqüentemente da poesia."

A crise literária é séria. Tanto que hoje pouquíssimos autores vivem de livros no Brasil.

— Com exceção de Fernando Gabeira e Jorge Amado não há quase nenhum a citar. Carlos Drummond de Andrade é funcionário aposentado, Vinícius — que vende melhor depois de morto, para não contrariar a regra — era cantor, compositor e ex-diplomata e João Cabral de Mello Neto vende bem mas vive mesmo de seus honorários de diplomata. E podeira ser diferente num país de 435 livrarias, quando o único bairro intelectual de Paris — o "Quartier Latin" tem 2020? O brasileiro está realmente desprotegido nesse setor.



Régis de Moraes: poeta, academico e professor

Papirus, a nova editora da cidade

Tecer o poema/ não como uma seda/
onde o fio se anula/ no fio e veda/
toda a trama, embora/
reste transparente/
para quem a veste

"A Estopa do Poema", de Heládio Brito, abre "Oficina", um livro diferente. Trata-se de uma antologia de cinco poetas - Heládio Brito, Regis de Morais, Carlos Rodrigues Brandão, João Francisco e Pedro Mossri - que resolveram mostrar a oficina que mantêm dentro de si para fazer poesias e como uma influência o outro, mesmo que o contato não seja pessoal.

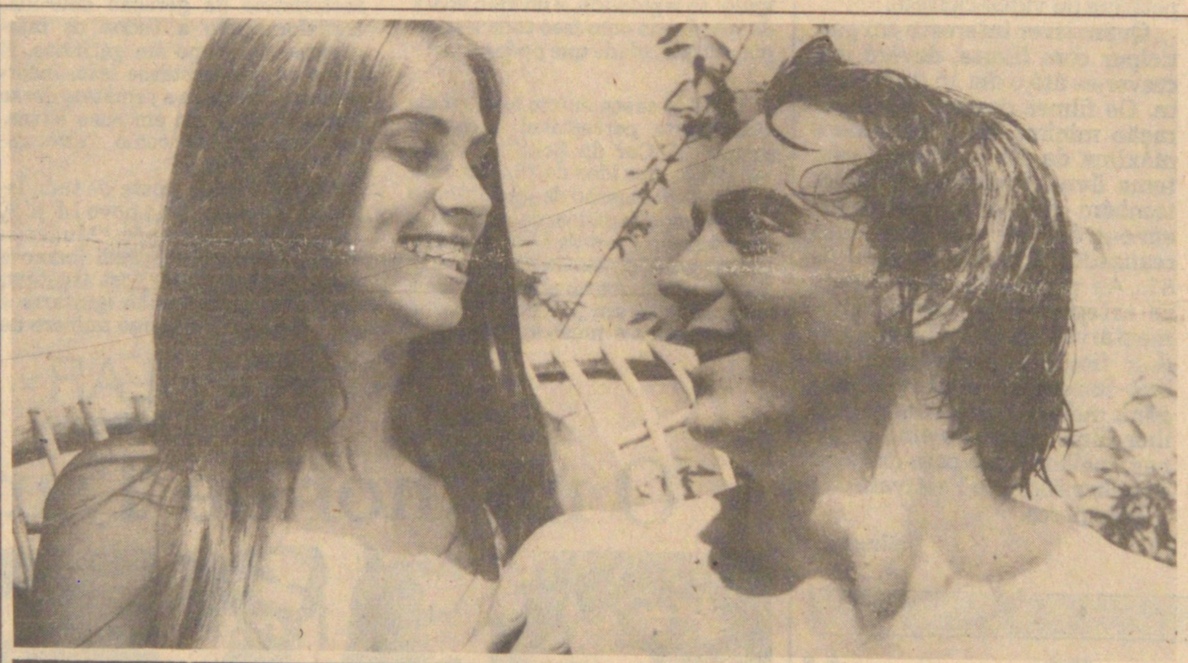
"Oficina", além de não ser um livro convencional, surpreendentemente lança no mercado uma nova editora campineira. É a "Papirus" que até então vinha atuando como livraria e num vôo mais arriscado resolveu preencher o espaço que as editoras de São Paulo vinham ocupando ao editarem livros de autores de Campinas.

— Pretendemos adotar duas linhas na "Papirus", diz Milton Cornacchia, um dos proprietários. Uma de textos universitários, que daria retorno imediato e a partir desse lucro nós arriscamos em obras sólidas, como a poesia, por exemplo, que não dá garantia de retorno financeiro.

BICOS DE PENA E TEXTOS

Para Régis de Morais, "Oficina" resultou de um convívio sem convivência entre os 5 autores. "Três são de Campinas, e dois são mineiros, mas nos correspondíamos muito e nesse contato percebemos que desenvolvíamos um trabalho influenciado pelos outros. Aí me ocorreu que poderíamos mostrar essa oficina só que ninguém queria um trabalho convencional".

Assim, "Oficina" acabou fugindo dos padrões tradicionais das antologias poéticas. Não tem caracteres autobiográficos, que foram substituídos por bicos de pena e textos e até a capa foi idealizada pelo próprio grupo. "Trata-se de um tear antigo, tirado de um fotograma do filme, "Trama de Rede", vencedor do Festival de Curta Metragám de Brasília, do ano passado. Dessa foto pode-se tirar as mais possíveis conclusões".



Martinha agora é uma empresár

Guarnieri, o filho: um ator exigente

"Amor de Perversão" é o terceiro filme de Paulo Guarnieri. Outros foram "Amor bandido", de Bruno Barreto e "A rainha do rádio", de Luiz Fernando Goulart. Apesar dos poucos filmes que fez, Paulo Guarnieri escolhe rigorosamente os papéis e só aceitou os que realmente gostou.

— Este ano recebi 8 convites para filmar e recusei todos. Não posso tomar parte num filme e viver um personagem que vai contra as minhas idéias, ou minhas convicções, pois assim estaria engando meu público. Só aceitei fazer "Amor de Perversão", porque o filme d[i]
muito sobre mim mesm[o]
aponta coisas que eu con[-]
sempre, principalmente [a]
de relacionamento hum[a]

No filme ele é Ron[a]
jovem cheio de m[o]
empregados e muita
des na vida, inclusiv[e]
quadra de tênis em
sente-se, porém, da
rinho, em função do pouco inte-
resse dos pais, mais preocup[a]
dos com suas atividades so[-]
do que com as necessidad[es]
tivas do filho. Porém
mais afeta Ronaldo d[o]
gida moral da fam[í]
centona a que pe[r]
torna contestad[o]
do que lhe f[oi]
meio de d[e]
Guarnieri
gem qu[e]
histó[-]
Ter[-]
d[e]